

MOACYR SCLIAR

# O CENTAURO NO JARDIM

*3ª reimpressão*



Copyright © 2004 by Moacyr Scliar

1ª edição 1980, Editora Nova Fronteira

10ª edição

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Jeff Fisher

*Preparação*

Eliane de Abreu Santoro

*Revisão*

Renato Potenza Rodrigues

Gabriela Morandini

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Scliar, Moacyr, 1937-2011.

O centauro no jardim / Moacyr Scliar. — São Paulo :  
Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1870-0

1. Ficção brasileira I. Título.

11-04034

CDD -869.93

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# São Paulo: restaurante tunisino

## *Jardim das Delícias*

21 DE SETEMBRO DE 1973

**AGORA É SEM GALOPE.** Agora está tudo bem.

Somos, agora, iguais a todos. Já não chamamos a atenção de ninguém. Passou a época em que éramos considerados esquisitos — porque nunca íamos à praia, porque a Tita, minha mulher, andava sempre de calças compridas. Esquisitos, nós? Não. Na semana passada veio procurar a Tita o feiticeiro Peri, e, aquele sim, era um homem esquisito — um bugre pequeno e magro, de barbicha rala, usando anéis e colares, empunhando um cajado e falando uma língua arrevesada. Talvez pareça inusitado uma criatura tão estranha ter vindo nos procurar; contudo, qualquer um é livre para tocar campainhas. E, mesmo, quem estava vestido esquisito era ele, não nós. Nós? Não. Nós temos uma aparência absolutamente normal.

Aqui estamos, com nossos filhos, e nossos amigos, e os filhos dos nossos amigos, jantando no restaurante tunisino. Antes vínhamos mais seguido a este lugar. Depois que Tita e eu nos mudamos para Porto Alegre os jantares se tornaram mais raros, mas em compensação servem agora para reunir a antiga turma. Hoje, aliás, por um motivo especial: estou de aniversário. Trinta e oito anos. Trinta e oito: o calibre do revólver dos guardas do condomínio, se bem me lembro. Uma esplêndida idade. Idade de amadurecimento, mas também de vigor; de compreensão, de valorização das coisas boas, tais como esta excelente comida do *Jardim das Delícias*, simpático lugar onde a gente se sente como em casa. É verdade que há pouco, olhando o garçom árabe, tive uma sensação desagradável. Me lembrei de nossa primeira viagem ao Marrocos, do cheiro nauseabundo do navio. Me perturbei, cheguei a estremecer. Paulo, sentado a meu lado na comprida mesa, notou: você está pálido, Guedali! Não é nada, eu disse,

um ligeiro mal-estar, já passou, está tudo bem. Ele aproveita para me perguntar se tenho me exercitado, se continuo correndo como fazíamos os dois juntos. Um pouco envergonhado, confesso que não. Faz tempo que não corro, que não pratico esporte. Tenho ido ao futebol com meus guris, colorados fanáticos, e isso é tudo. Ah, diz Paulo, triunfante, é por isso que estás com essa barriga, que te sentes mal. Olha para mim, Guedali: estou em plena forma física. Continuo correndo todas as noites, regularmente. Você não deve desistir, Guedali. Corre, rapaz, te esforça. Não é só pelo exercício; é pelo desafio também. Vida sem desafio não vale a pena. Ouve o que te diz o velho Paulo, teu amigo.

Tem razão o Paulo. É preciso correr. Já pensei fazê-lo na fazenda que tenho perto de Quatro Irmãos, no interior do Rio Grande do Sul. Mas agora aquilo tudo está plantado, não há onde correr. Aliás, é uma bela lavoura de soja, a que tenho lá. Quem toma conta dela é o meu próprio irmão, o Bernardo. Todo mundo dizia que era loucura se meter na agricultura, ainda mais associado ao Bernardo, um sujeito instável, dado a largar tudo e sair perambulando pelo Brasil. Mas quando ele veio bater na minha casa e me pediu ajuda, resolvi arriscar. E deu certo: Bernardo revelou-se um empresário rural de primeira ordem; mecanizou a fazenda, assessorou-se com um agrônomo para o uso de adubos e defensivos, leva os empregados com rédea curta — enfim, faz as coisas andarem.

Velho Paulo. Bom amigo, bom sócio. Graças à visão dele entramos no ramo de exportações. Uma grande ideia. Foi mesmo o que nos salvou, pois estávamos mal de negócios, à época em que eu morava em São Paulo. Temos vendido horrores, especialmente para o Marrocos, onde tenho bons contatos.

Grande amigo, o Paulo. Paulo e Fernanda, Júlio e Bela, Armando e Beatriz, Joel e Tânia... Bons amigos, todos. É bom, isso, estar entre amigos, saboreando o vinho — forte mas gostoso — num ambiente pitoresco e acolhedor. Sim, é agradável estar aqui no restaurante tunisino.

O que neste momento incomoda um pouco é a música ára-

be, estridente, tocada num volume muito alto. Mas até isto tem vantagens: se asas ruflam lá fora, acima da alta palmeira que se avista pela janela — não sei, não dá para ouvir. O som que ouço é, acho, o vento, um vento quente que sopra desde a tarde. Vai chover, decerto.

Tita, sentada à minha frente, sorri. Está cada vez mais bonita. Passou por maus momentos, sofrimentos, nota-se pelas rugas; mas resultou daí que sua beleza amadureceu, tornou-se mais profunda, mais suave. Querida Tita, querida mulherzinha.

À minha esquerda, nossos filhos, os gêmeos. Faz meia hora que estão cochichando entre si, os dois demônios. Na certa estão tramando alguma sacanagem, é bem do feitio deles. São dois bons meninos, inteligentes, estudiosos. E como crescem! Daqui a pouco estarão mais altos que eu — e eu sou muito alto. Já estão me pedindo um carro; qualquer dia me apresentam as namoradas. Qualquer dia casam. Qualquer dia serei avô. Tudo bem.

Isto é: quase tudo bem. Ainda há coisas que me incomodam. Minha insônia, meu sono agitado. Volta e meia acordo à noite com a sensação de ter ouvido um ruído estranho (o ruflar das asas do cavalo alado?). Mas é impressão. Tita, que tem ouvido excepcionalmente apurado, não escutou nada: dorme tranquila. E sonha. Não preciso levantar-lhe a pálpebra, não preciso espiar-lhe pela pupila, como por uma janela, para saber com que sonha. É que dormir juntos muito tempo resulta em transfusão de sonhos: o cavalo, que há pouco eu via deslizando entre nuvens, agora galopa pelo pampa, no sonho dela. Só que a ela o onírico equino não incomoda. A mim, sim. Porque preciso corrigir os meus sonhos. Se o cavalo me incomoda, posso eliminá-lo. Há soníferos fabricados especialmente para esse fim.

Nos sonhos começam as inquietudes, mas neles não terminam. Também na vigília me acontecem certas coisas esquisitas, coisas que parecem mensagens inquietantes. Por exemplo, ainda há pouco eu rabiscava no guardanapo de papel com a caneta de ouro que ganhei de meus amigos, uma bela caneta importada. E aí me surpreendi escrevendo essa frase *agora está tudo bem*, uma

frase absolutamente banal — mas em letras grotescas, angulosas. Que força teria guiado a mão que traçou essas letras? Não sei. Confesso que não sei, apesar dos meus trinta e oito anos, apesar de tudo o que passei, experiências extraordinárias. Há muita coisa desconhecida dentro de mim, muitos segredos. Não seria o caso de abrir as comportas, de deixar jorrar a torrente? Ontem vi na TV cenas de uma enchente. Animais nadavam nas águas barrentas, procuravam refúgio nas copas das árvores que ainda emergiam. A cara molhada de um macaco, mostrada em *close*, me impressionou particularmente: a inocência desamparada. Não seria o caso de contar tudo a esses meus amigos? Agora que está tudo bem, não seria de contar? Não há o que temer. Cauda alguma se erguerá para espantar as moscas que zumbem ao meu redor. Falando nisso, mosca é coisa que não falta aqui. Essa gente faz boa comida, mas o lugar não é dos mais limpos, com certeza jogam restos no pátio. Contudo, é preciso fechar os olhos e não reclamar. Irritam-se por pouco, são vingativos: ainda ontem corriam de camelo pelas dunas do deserto, os longos albornozes flutuando ao vento. Traídos, juravam vingança; na primeira oportunidade apunhalavam os inimigos. São berberes. Já não montam camelos, claro; quando fecham o restaurante vão para casa de carro; mas eu (talvez seja paranoia judaica) ainda lhes vejo um brilho sinistro no olhar.

Sim, posso contar tudo, eu. Modesto, mas altaneiro. Digno. Sem dar lugar a deboches, sem permitir trocadilhos. Nada de alusões à *Cavalaria Rusticana* ou ao asno de Buridan. Se índios entrarem em minha história — e ainda havia índios na região de Quatro Irmãos, em 1935 —, não virão a cavalo, como os valentes charruas, mas sim a pé, humildes (ainda que misteriosos), pedindo trabalho.

Não falarei dos cavalos internos que galopam dentro de nós — não sei se existem. E nem é *cavalgada*, para mim, a marcha incessante da História rumo a um *destino* que não sei qual é. Não vejo por que chamar a *marcha incessante da História* de outra coisa que não *marcha incessante da História*, acrescentando talvez, para satisfazer a alguns, *sem repouso e sem recuos*.

Então? Por que não me ponho de pé? Por que não bato com a caneta no cálice de vinho, pedindo a atenção de todos para um segredo que pode enfim ser revelado?

Por quê? Não sei. Sinto-me inseguro. Tenho medo de ficar de pé. Temo que as pernas não me sustentem: a verdade é que ainda não aprendi a confiar nelas. Os bípedes não têm a firmeza dos quadrúpedes. Além disso, estou bêbado. Um brinde atrás do outro — ao aniversariante, à esposa do aniversariante, aos filhos do aniversariante, aos amigos do aniversariante, aos pais e irmãos do aniversariante, à empresa de exportação do aniversariante, à fazenda do aniversariante, ao Internacional, clube do aniversariante — e o vinho me foi subindo. Tita, sentada à minha frente, me faz sinal para não beber tanto. Ela está conversando com a moça a seu lado, por sinal uma mulher muito bonita, de uma beleza estranha: longos cabelos cor de cobre, óculos escuros (à noite? por quê?) que quase lhe ocultam o rosto enigmático; uma blusa masculina, de galões, entreaberta, deixa ver colares e o contorno de um seio bem modelado. Não a conheço. Sei apenas que é uma amiga de Tânia e que há pouco tempo se divorciou. Ergo meu cálice para ela: saúde! Tita me dirige um olhar de advertência. Não é ciúme. Sabe que estou bêbado, teme que eu fale bobagens, que conte histórias absurdas. Antes da operação eras mais sensato, costuma dizer.

Tem razão a Tita. Melhor ficar calado. Melhor rabiscar: *agora está tudo bem*. Apesar das letras grotescas, apesar do longínquo ruflar de asas. Apesar das cenas que agora me vêm à memória.

# Pequena fazenda no interior do distrito de Quatro Irmãos, Rio Grande do Sul

24 DE SETEMBRO DE 1935

A 12 DE SETEMBRO DE 1947

**ÀS PRIMEIRAS LEMBRANÇAS**, naturalmente, não podem ser descritas em palavras convencionais. São coisas viscerais, arcaicas. Larvas no âmago da fruta, vermes movendo-se no lodo. Remotas sensações. Vagas dores. Visões confusas: céu atormentado sobre mar encapelado; entre nuvens escuras, o cavalo alado deslizando majestoso. Avança rápido, primeiro sobre o oceano, e logo sobre o continente. Deixa para trás praias e cidades, matas e montanhas. Aos poucos, sua velocidade vai diminuindo, e ele agora plana, descrevendo largos círculos, as crinas ondulando ao vento.

Lá embaixo, iluminada pelo luar, uma casa de madeira rústica, isolada. Das janelas, projeta-se sobre o nevoeiro uma débil claridade amarelada. A curta distância, o estábulo. Mais adiante, um bosquete. E o campo. Entre as árvores, nas moitas, pequenos animais voejam, correm, saltitam, rastejam, escondendo-se, perseguindo-se, devorando-se. Pios, trilos, guinchos.

Um grito agudo, de mulher, ecoa no vale. Animaizinhos imobilizam-se assustados. Outro grito. E mais outro. Uma sucessão de gritos — e depois o silêncio, de novo. O cavalo alado descreve mais uma volta sobre a casa, e então desaparece, silencioso, entre as nuvens.

É minha mãe quem grita: está dando à luz. Ajudam-na as duas filhas e uma velha parteira das redondezas. Há horas está em trabalho de parto, mas nada de o bebê descer. Está esgotada, quase desfalecida. Não aguento mais, murmura. A parteira e as



meninas se olham, ansiosas. Seria o caso de chamar o médico? Mas o doutor mora a quarenta quilômetros dali — dará tempo?

No quarto ao lado, meu pai e meu irmão. Meu pai caminha de um lado para outro; meu irmão, sentado na cama, olha fixo a parede à sua frente. Os gritos se sucedem, cada vez mais frequentes, entremeados de maldições em iídiche que fazem meu pai estremecer — é a ele que a mulher acusa. *O bandido! Nos tirou de casa para nos trazer para este inferno, para este fim de mundo! Vou morrer, por culpa desse assassino! Ai, meu Deus, estou perdida, me ajuda!* A parteira procura acalmá-la: está tudo bem, dona Rosa, não se afobe. Mas a voz trai a ansiedade: à luz do lampião, ela mira assustada o ventre tenso, descomunal. O que será que vem descendo dali?

Meu pai senta, enterra a cabeça entre as mãos. A mulher tem razão, ele é o culpado do que está acontecendo. Todos os colonos judeus da região, vindos com ele da Rússia, já foram para a cidade — para Santa Maria, ou Passo Fundo, ou Erechim, ou Porto Alegre. A revolução de 23 expulsou os últimos remanescentes da colonização.

Meu pai insiste em ficar. Por que, Leão? — pergunta minha mãe. Por que essa teimosia? Porque o Barão Hirsch confia em nós, ele responde. O Barão não nos trouxe da Europa para nada. Ele quer que a gente fique aqui, trabalhando a terra, plantando e colhendo, mostrando aos *góim* que os judeus são iguais a todos os outros povos.

Homem bom, o Barão. Na Rússia de 1906 — derrotada na guerra contra o Japão —, os pobres judeus, alfaiates, marceneiros, pequenos comerciantes, viviam em casebres miseráveis de pequenas aldeias, aterrorizados com a ameaça dos *pogroms*.

(O *pogrom*: cossacos bêbados invadiam a aldeia, lançavam os cavalos enlouquecidos contra velhos e crianças, desferindo golpes de sabre a torto e a direito. Matavam, pilhavam, incendiavam. Depois sumiam. Na noite atormentada ficavam ecoando os gritos e relinchos.)

Em seu castelo, em Paris, o Barão Hirsch acordava no meio da noite, assustado, ouvindo tropel de patas. Não é nada, Hirsch,

dizia a mulher, sonolenta. Foi um pesadelo, dorme. Mas o Barão já não podia conciliar o sono. A visão de cavalos negros pisoteando corpos judaicos não o abandonava. Dois milhões de libras, murmurava para si mesmo. Com dois milhões de libras eu resolveria o problema.

Via os judeus russos vivendo felizes em regiões longínquas da América do Sul; via campos cultivados, casas modestas, mas confortáveis, escolas agrícolas. Via crianças brincando nos bosques. Via os trilhos da ferrovia (da qual era grande acionista) avançando mato adentro.

O Barão foi bom para nós, repete meu pai constantemente. Um homem rico como ele não precisava se preocupar com os pobres. Mas não, ele não esqueceu seus patrícios. A gente agora tem de se esforçar para não decepcionar um homem tão caridoso, um santo.

Se esforçam, meus pais. É uma existência ingrata: roçar o mato, plantar, curar as bicheiras dos animais, trazer água do poço, cozinhar. Vivem cheios de temores, tudo os ameaça: ora é a seca, ora é a enchente; o granizo, a geada, a praga. Tudo é difícil, não há recursos, vivem isolados: o vizinho mais próximo mora a cinco quilômetros.

Mas meus filhos vão ter uma vida melhor, consola-se meu pai. Estudarão, serão doutores. E um dia me agradecerão pelos sacrifícios que fiz. Por eles e pelo Barão Hirsch.

Os gritos cessam. Há um momento de silêncio — meu pai levanta a cabeça — e logo um choro de criança. O rosto dele se ilumina:

— É homem! Aposto que é homem! Pelo choro, só pode ser homem!

Novo grito. Desta vez um berro selvagem, de horror. Meu pai se põe de pé, num salto. Fica um instante imóvel, aturdido. E corre para o quarto.

A parteira vem-lhe ao encontro, o rosto salpicado de sangue, os olhos arregalados: ah, seu Leão, não sei o que aconteceu, nunca vi uma coisa dessas, a culpa não é minha, lhe garanto, fiz tudo direitinho.

Meu pai olha ao redor, sem compreender. As filhas estão encolhidas num canto, apavoradas, soluçando. Minha mãe jaz sobre a cama, estuporada. Mas o que está acontecendo aqui, grita meu pai, e é então que me vê.

Estou deitado sobre a mesa. Um bebê robusto, corado; choramirando, agitando as mãozinhas — uma criança normal, da cintura para cima. Da cintura para baixo: o pelo de *cavalo*. As patas de *cavalo*. A cauda, ainda ensopada de líquido amniótico, de *cavalo*. Da cintura para baixo, sou um *cavalo*. Sou — meu pai nem sabe da existência desta entidade — um centauro. *Centauro*.

Meu pai se aproxima da mesa.

Meu pai, o colono Leão Tartakovsky. É um homem rude, duro, que já viu muita coisa na vida, coisas horríveis. Uma vez enfiou para dentro do ventre as tripas de um peão esfaqueado por um desafeto. Outra vez encontrou um escorpião dentro da bota e esmagou-o com o enorme punho. Numa terceira vez introduziu a mão no útero de uma vaca e trouxe de lá o bezerinho que estava entalado.

Mas o que ele agora vê é demais. Recua, encosta-se à parede. Morde o punho; não, não pode gritar. Seu berro quebraria as vidraças da casa, atravessaria os campos, chegaria aos contrafortes da Serra do Mar, ao oceano, ao céu, às pradarias celestes.

Não pode gritar. Mas soluçar, pode. Os soluços lhe sacodem o grande corpo. Pobre homem. Pobre gente.

É a parteira quem, passado o choque inicial, assume o comando da situação. Corta o cordão umbilical, me enrola numa toalha — uma toalha grande, a maior da casa — e me põe no berço. Aí a primeira dificuldade: sou muito grande. As patas — de *cavalo* — sobram. A parteira traz um caixote, forra-o com panos (pensaste em palha, parteira? Confessa, pensaste em palha?), me acomoda ali. Nos dias que se seguem a brava mulher tomará conta da casa, da família: fará a limpeza, lavará a roupa, cozinhará, levará comida para um, para outro, insistindo para que comam, que se fortifiquem — sofreram um forte abalo, os pobres judeus, precisam se recuperar.

E cuidará de mim, do *centauro*. Me dará a mamadeira, porque minha mãe só fará chorar; não quererá nem me ver, quanto mais me amamentar. A parteira me dará banho, me manterá limpo — difícil tarefa: minhas fezes de herbívoro são abundantes e exalam um odor fétido.

(Não poucas vezes, contará anos mais tarde, pensou em me sufocar. Com o travesseiro... Terminaria o tormento da família. E não seria a primeira vez: já havia estrangulado uma criança nascida sem braços, sem pernas, com um olho só. Apertara o delicado pescocinho até que a córnea do olho único ficara baça da morte.)

Até que ele não é feio, suspira, enquanto me coloca, adormecido, no caixote: um menino de feições agradáveis, cabelos e olhos castanhos. Mas da cintura para baixo... Coisa horrível. Ela já ouviu falar de monstregos — criaturas metade galinha, metade rato; ou metade porco, metade vaca; ou metade cobra, metade pássaro; carneiros de cinco patas, lobisomens, todos esses seres ela sabe que existem, mas nunca pensou que viesse a cuidar de um. Dorme, bichinho, murmura. Apesar de tudo, gosta de mim, esta mulher a quem a morte de quatro filhos tornou uma pessoa amarga e revoltada.

Os dias passam. Minha mãe continua muda, estupefada pelo choque. Minhas irmãs choram sem parar. Meu irmão, já antes quieto e esquisito, agora está mais quieto, mais esquisito. Quanto ao pai, é preciso trabalhar, e ele trabalha. Roça o mato, capina. Abatendo árvores a machado, golpeando a terra com a enxada, reencontra aos poucos o domínio de si mesmo. Já consegue pensar sem a vertigem do desespero. Penosamente, procura explicações, formula hipóteses.

É homem de poucas luzes. Descende de uma família de rabinos, homens sábios — mas ele mesmo é muito limitado. Já na aldeia, na Rússia, tivera de trabalhar no campo porque falhava lamentavelmente nas interpretações do *Talmud*. Deus não me deu boa cabeça, costuma dizer. Contudo, confia no bom senso, no instinto; sabe interpretar as próprias reações — o arrepio dos pelos do braço, o bater do coração, o calor no rosto, tudo

isso lhe diz coisas. Às vezes tem a impressão de que a voz de Deus lhe fala de dentro, de um ponto situado entre o umbigo e a boca do estômago. É uma certeza desse tipo que procura. A verdade. Por mais triste que seja.

Por que lhe aconteceu isso? Por quê?

Por que foi ele o escolhido, e não um cossaco da Rússia? Por que ele, e não um peão, um fazendeiro dos arredores? Por quê? Que crime cometeu? O que fez de errado para que Deus o tenha castigado dessa maneira? Por mais que se interrogue, não consegue atribuir-se pecados — pecados graves, pelo menos. Faltas menores, talvez. Já ordenou uma vaca num sábado, dia de repouso, dia sagrado; mas a vaca estava de úbere cheio, não podia deixá-la assim, mugindo, agoniada. E nem aproveitou o leite, jogou-o fora. Pecados? Não.

À medida que vai se convencendo de sua inocência, uma dúvida emerge: será mesmo seu filho, o centauro?

(Centauro. Esta palavra lhe ensinarei um dia. Por enquanto, não é muito versado em mitologia.)

Logo, porém, fica mordido de remorsos. Como pôde pensar numa coisa dessas? Rosa lhe é absolutamente fiel. E, mesmo que não o fosse, de que pai poderia nascer tão exótica criatura? Há gente esquisita na região; caboclos soturnos, mal-encarados, bandidos, até índios. Ele nunca viu, porém, ninguém com patas de cavalo.

Cavalos são muitos, por ali. Cavalos selvagens, inclusive; bestas ariscas, cujo relincho ele ouve às vezes, ao longe. Mas — cavalo! Não. Há mulheres pervertidas, ele sabe, capazes de fazer amor com qualquer criatura, com um cavalo também; mas sua Rosa não é dessas. É uma mulher boa, simples, que vive só para o marido e para os filhos. Trabalhadora incansável, dona de casa dedicada. E fiel, muito fiel. Um pouco revoltada, irritadiça, mas bondosa, sábia. E fiel.

Pobre mulher. Agora jaz na cama, imóvel, os olhos muito abertos, apática. A parteira e as filhas oferecem-lhe sopa, ricos caldos; não reage, não diz nada, mas não aceita o alimento. Com a colher, tentam forçá-la a abrir a boca; não abre; mantém os

dentes teimosamente cerrados. Contudo, algumas gotas de líquido, algumas partículas de ovo, algumas fibras de galinha penetram-lhe na boca, ela engole involuntariamente, e é isso sem dúvida que a mantém viva.

Viva, mas quieta. Muda. Seu silêncio acusa o marido: é culpa tua, Leão. Me trouxeste para este fim de mundo, para este lugar onde não há gente, só animais. De tanto eu olhar para cavalos, meu filho nasceu assim. (Poderia citar exemplos: mulheres que riram de macacos e cujos filhos nasceram peludos; mulheres que olharam para gatos — seus bebês miaram meses.) Ou quem sabe é sobre a estirpe dele que levanta dúvidas: na tua família são todos defeituosos e doentes, tens um tio que nasceu com o beijo rachado, uma prima com seis dedos em cada mão, uma irmã diabética. Enfim: a culpa é tua — poderia bradar, mas não o faz. Não tem forças para tanto.

Além do mais, é seu marido, seu homem. Nunca gostou de nenhum outro; nunca pensou em nenhum outro. O pai lhe dissera: vais casar com o filho do Tartakovsky, é um bom rapaz. Pronto: seu destino fora traçado. Quem era ela para discutir? E mesmo, não lhe desagradava o jovem Leão, era um dos rapazes mais bonitos da aldeia. Forte, alegre, até que ela tivera sorte.

Casaram. No começo não foi bom... O sexo, isto é. Ele era bruto, desajeitado, ela sentia dor. Mas depois se acostumou, chegou a gostar, e tudo parecia bem — quando, uma noite, acordaram com o tropel de cavalos e os berros selvagens dos cossacos. Correram a se esconder no mato, junto ao rio, e ali ficaram, enregelados, trêmulos de pavor, olhando o clarão dos incêndios. De manhã voltaram à aldeia. Encontraram a rua principal cheia de cadáveres mutilados e as casas transformadas em ruínas fumegantes. Vamos embora daqui, disse Leão, sombrio. Não quero mais saber deste maldito lugar.

Rosa não queria deixar a Rússia. *Pogroms* ou não, gostava da aldeia, era seu chão. Mas Leão estava decidido. Quando os emissários do Barão Hirsch apareceram, foi o primeiro a se oferecer para a colonização na América do Sul. América do Sul! Rosa se apavorava, pensava em selvagens nus, em tigres, em

cobras gigantescas. Mil vezes os cossacos! O marido, porém, não queria discussões. Arruma as malas, ordenou. Ela, grávida, arquejando com o esforço, obedeceu. Embarcaram num cargueiro, em Odessa.

(Muitos anos depois ela ainda se lembraria com horror daquela viagem; o frio, e depois o calor sufocante, o enjoo, o cheiro de vômito e de suor, o convés onde se comprimiam centenas de judeus, os homens de boné, as mulheres de lenço na cabeça, as crianças chorando sem parar.)

Minha mãe chegou a Porto Alegre doente, com febre. Mas a odisseia ainda não estava terminada. Tiveram de viajar para o interior, primeiro de trem, depois em carroções, por uma picada aberta no meio do mato, até a colônia. Esperava-os um representante do Barão. Cada família recebeu um lote de terras — o dos meus pais era o mais distante —, uma casa, ferramentas, animais.

Meu pai estava muito contente: acordava todos os dias cantando. Minha mãe, não. Achava a vida na colônia pior, mil vezes pior que na aldeia da Rússia. Os dias de trabalho estafante, as noites povoadas de ruídos misteriosos: trilos, e pios, e guinchos — e sobretudo a presença invisível dos índios, rondando a casa. Mas que índios, mulher! — zombava meu pai, os índios estão longe daqui. Ela se calava. Mas à noite, quando sentavam diante do fogão para tomar chá, eram os olhos dos índios que ela via nas brasas. Em seus pesadelos os índios irrompiam casa adentro, montados em cavalos negros como os dos cossacos. Acordava gritando, meu pai tinha de acalmá-la.

Aos poucos, contudo, foi se acostumando ao lugar. O nascimento dos filhos, apesar dos partos sempre difíceis, era um consolo. E a ideia de que as crianças estavam se criando num país novo, de futuro, chegava a entusiasmá-la. Começava a se sentir feliz. Mas Leão nunca estava satisfeito. Três filhos não lhe bastavam — tinha de exigir um quarto. Queria mais um homem. Ela relutou muito, terminou concordando. Foi uma gravidez atormentada, ela vomitava muito, mal podia se mover com a barriga enorme — acho que são quatro ou cinco, gemia

— e ainda por cima perseguiam-na alucinações: ouvia o ruflar de asas gigantescas sobre a casa. E finalmente o parto — e o monstrengo.

Talvez seja uma coisa temporária, pensa meu pai, esperançoso. Como a mulher, ele também sabe de crianças que nasceram peludas como macacos — mas que ao cabo de alguns dias perderam os pelos. Quem sabe o caso é o mesmo? Seria de se esperar um pouco; então, os cascos cairiam, o couro se desprenderia em grandes pedaços, deixando aparecer ventre e pernas normais, um pouco atrofiadas da longa permanência na sombria cavidade. Tão logo liberadas, contudo, já se mexeriam, as espertas perninhas. Ele daria um bom banho no menino; queimaria os repulsivos restos no fogão — à medida que as chamas os consumissem, tudo estaria sendo esquecido, como um sonho mau. E eles voltariam a ser felizes.

Os dias se passam, os cascos não caem, o couro não mostra qualquer fissura. Outra ideia ocorre a meu pai: é doença. E talvez curável.

— Que acha a senhora? — pergunta à parteira. — Será doença, isto que meu filho tem?

A parteira não pode afirmar com certeza. Também ela já viu casos estranhos: uma criança que criou escamas de peixe, outra na qual nasceu um rabo — dez centímetros, se tanto, mas rabo, indiscutivelmente rabo. Se há tratamento? Ah; isso ela não sabe. Só um médico poderia informar com certeza.

Um médico. Meu pai sabe que o doutor Oliveira é competente. Pode ser que ele acerte, que resolva o caso do bebê-cavalo com uma operação, ou então injeções que, aplicadas nos quartos traseiros, façam as patas secar e se desprender como galhos quebrados, o couro descolando e revelando germes de pernas normais. Ou com gotas, com pílulas, com xaropes, o doutor Oliveira conhece uma variedade de remédios, um deles há de servir.

Uma coisa, contudo, atormenta meu pai. Manterá o doutor



em segredo a existência do bebê? Os antissemitas bem poderiam ver no ocorrido uma prova da ligação dos judeus com o Maligno. Meu pai sabe que por muito menos seus antepassados torraram nas fogueiras da Idade Média.

Não há como hesitar. A vida de um filho está acima de qualquer risco. Meu pai atrela a égua à charrete e vai à cidade falar com o médico.

Dois dias depois aparece o doutor Oliveira, montando seu belo tordilho. Um homem alto, elegante, de barba cuidadosamente aparada. Usa longa capa para proteger as roupas de tecido inglês do pó da estrada.

— Buenas, que aqui me espalho!

É um homem jovial, falador. Entra, faz carinhos no rosto de minhas irmãs, cumprimenta minha mãe, que não responde — ainda não se recuperou do choque. Aqui está a criança, diz meu pai, apontando o caixote.

O sorriso desaparece do rosto do doutor Oliveira, que chega a recuar um passo. A verdade é que não acreditara na história de meu pai; tanto que nem se apressara em atender ao chamado. Agora, porém, está vendo a coisa com seus próprios olhos; e o que vê o deixa assombrado. Assombrado e horrorizado. E isso que é médico calejado na profissão; já viu muita coisa, muito caso escabroso. Mas *centauro* nunca tinha visto. *Centauro* ultrapassa as fronteiras de sua imaginação. *Centauro* não figura em manuais médicos. Qual de seus colegas já viu um *centauro*? Nenhum. Nem os professores, nem os luminares da medicina brasileira. O caso é único, sem dúvida.

Senta na cadeira que meu pai lhe oferece, descalça as luvas e fica, em silêncio, a considerar o centaurinho. Meu pai, ansioso, lhe sonda o rosto. Mas o médico não diz nada. Extrai do bolso do paletó a caneta-tinteiro e uma caderneta com capa de couro; escreve:

“Estranha criatura. Provável malformação congênita. Impressiona semelhança metade inferoposterior com equino. Até cicatriz umbilical, menino bem-conformado, bonito. Após — luar. Rosto, pescoço, tórax apresentam pele lisa, rosada; segue-se

pequena zona de transição: tegumento espesso, enrugado, torturado, premonição do que virá abaixo. Penugem dourada se torna mais densa e escura — surge, brutal, pelame alazão. E pata, lombo, cauda, casco, tudo *cavalo*. Pênis particularmente chamativo, porquanto monstruoso para bebê de dias. Caso complexo. Cirurgia radical? Impossível”.

Meu pai não se contém.

— E então, doutor?

O médico, sobressaltado, olha-o hostil:

— Então o que, Tartakovsky?

— O que é isso? Essa doença do menino?

Não é doença, diz o médico, guardando a caderneta. Mas o que é então? — insiste meu pai. — Não é doença, repete o médico. — E o que se pode fazer? — a voz embargada de meu pai.

— Infelizmente nada — responde o doutor Oliveira, levantando-se. — Não há tratamento para um caso desses.

— Não há tratamento? — Meu pai, sem compreender. — Não há remédios para isso?

— Não. Não há remédios.

— Nem operação? — Cada vez mais angustiado, o pobre pai.

— Nem operação.

Meu pai se cala um instante, volta à carga:

— Quem sabe a gente levando ele para a Argentina...

O doutor Oliveira põe a mão no ombro do meu pai.

— Não, Tartakovsky. Não acredito que na Argentina tenham tratamento para esse caso. Aliás, acho que jamais algum médico viu uma coisa dessas, uma criatura tão... estranha.

Olha para o centaurinho, que se agita no caixote, e diz, baixando a voz:

— Vou ser franco, Tartakovsky. Só há duas coisas a fazer: deixá-lo morrer — ou aceitá-lo como é. Tens de escolher.

— Eu já escolhi, doutor — murmura meu pai. — O senhor sabe que já escolhi.

— Admiro a tua coragem, Tartakovsky. E estou à tua disposição. Não é muito o que posso fazer, mas conta comigo.

Apanha a maleta.

— Quanto é, doutor? — pergunta meu pai.

O médico sorri: ora, que é isso.

Dirige-se para a porta. Mas então uma ideia lhe ocorre, uma ideia que o faz voltar-se rapidamente.

— Tartakovsky... Te importas que eu fotografe teu filho?

— Para quê? — Meu pai, surpreso e desconfiado. — É para o jornal?

— Claro que não — diz o médico, sorrindo. — É para uma revista de medicina. Desejo publicar um artigo a respeito.

— Artigo?

— Sim. Quando um médico acha um caso raro como este, ele deve publicar o que observou.

Meu pai olha-o, olha o centaurinho. Não acho bom, resmungo. O médico insiste: eu cubro o rosto dele, ninguém saberá que é teu filho. Não acho bom, repete meu pai. O doutor Oliveira insiste: é uma revista lida por todos os médicos, Tartakovsky. Pode ser que algum deles tenha alguma sugestão para o tratamento.

— Mas o senhor mesmo disse que não há tratamento! — grita meu pai.

O doutor Oliveira sente que cometeu um erro. Contorna a situação: o que eu disse é que ainda não há tratamento para esses casos. Mas amanhã ou depois um colega descobre um remédio novo, uma operação. E aí se lembra do que leu na revista, entra em contato comigo — e talvez a gente possa fazer algo pelo teu filho.

Meu pai termina por concordar. E poderia não concordar? Mas impõe condições: o doutor Oliveira tem de trazer a máquina fotográfica — grande, de tripé — porque meu pai não quer fotógrafos: estranhos aqui, não.

Os preparativos para a foto são complicados. Me manietam braços e patas, e mesmo assim mexo nervosamente a cauda, que tem de ser amarrada também. Quando me põem o